

(III.º) Por que razão insistir na urgência de um ensino concreto dessa disciplina?

MARTIM GOMES (*)

1) Em primeiro lugar, porque as atividades terapêuticas pouco teriam que fazer, se a educação não se estivesse afogando, cada vez mais, nesse maremoto da inconsistência e da desordem social, e nessa fria agressão que os tempos atuais esgrimem contra o lar, **desumanizando-o**, pela destruição da segurança e do amor.

Há um ritmo de pressa e ansiedade, vibrando no ar. Aceleram-se as indústrias, e o que se ganha vai primeiramente pagar o armamento, gerador das desconfianças, num ambiente impregnado de ódio. Mas a pressa faz errar, e o erro sempre foi o companheiro pertinaz dos ódios... Examinemos, pois, alguns aspectos objetivos, sem descrever ou comentar o imenso acervo de males, ou de vícios, com os quais a desorganização do lar, e a desordem social, parecem querer levar a humanidade a uma situação insustentável, perante os modelos prefigurados por nossos sonhos de elevação e de fantasia. Ninguém precisaria de tal descrição. Ela nos entra todos os dias, portas a dentro, naquela incansável página dos jornais, em que a delinquência, a corrupção e a mentira despudorada e acintosa por toda parte deixam estarecidas as próprias expectativas do pessimismo... Não pedimos, nem queremos sugerir que esta disciplina propedêutica possa, **desde logo**, mostrar alguma vitória, pela educação ou pela profilaxia das perturbações mentais.

2) A propedêutica psico-somática estuda os primeiros princípios reguladores da educação das crianças, e também os que orientam o tratamento de certas desordens mentais, nas quais o so-

frimento, as aflições e angústias requerem cuidados equivalentes a um processo de re-educação. E' êsse o aspecto dominante do conjunto **educação mais terapêutica**, que unifica as atividades desta disciplina, além da imensa economia de tempo, de dinheiro e de harmoniosa continuidade de trabalho, que as Universidades assim ganhariam, para a formação de todos os médicos e assistentes, cujo labor profissional se enquadre dentro da psicologia social. E as próprias professoras, depois de orientadas em consequência da nova preparação, descobrirão que possuem, nas suas mãos, uma alta possibilidade de orientar o trabalho das assistentes sociais, ou dos assistentes: — **ars longa, vita brevis**...

3) As frustrações e as forças que a combatem, para equilibrar a vida da personalidade. Quando uma criança cai, pisa-se, e chora sem naturalidade, e procura, como se fôsse um hábito, demorar nessa expressão, não é raro que se descubra uma inconsciente demanda de carinho, e de agrado. O tom e a atitude bagatelizante, mas de companheirismo, que por ventura a envolver, "um homem não chora", ou "menina bonita não se assusta", militam contra essa necessidade de aprovação e exibição, mediante recursos de verdade, e sinceros... auxiliados por uma pontinha de amor próprio.

"Por onde vai o homem, vai o perigo". Quando assim diz o gaúcho, não sabe que está lembrando-nos o perigo a que está continuamente exposta a nossa personalidade, em todos os seus planos, por via de frustrações: intenções e projetos malogrados, esperanças e afetos invalidados, esforços e atos malaventura-

(*) Prof. Catedrático da F. M. e Prof. Emérito.

dos. Tudo pode ter a sorte da frustração: as ações, os afetos, as idéias...

Contra essas possibilidades luta a pessoa, numa luta tanto mais árdua, quanto mais alevantados os seus propósitos ou os seus ideais. Daí vem a necessidade de ser objetivo e concreto. O método e os instrumentos, com que nos apercebamos para a laboriosa luta de imprevistos, que para logo irá ser, sem dúvida, a formação da juventude... Há poucos dias, noticiaram os jornais, com fotografias, como um vigia da Prefeitura matou um jovem pai, com um tiro pelas costas, quando a vítima se afastava; ia com um filho na sua bicicleta; a frustração do vigia resumiu-se no fato que a vítima não quis esperar e concordar em ser testemunha de uma pretensão do vigia, pouco clara.

Eu não diria, num caso destes, como dizem Dollard e outros, que aquela agressão mortífera foi pura e simplesmente uma agressão de frustração, — "aggression by frustration, (ou mais exatamente), frustration-aggression". Submetido a inquérito, explicou o vigia, significativamente, que matou porque ficou com raiva. Mas a raiva, por não ter logrado o que queria, a muito poucas pessoas teria arrastado para o mesmo desfecho: para tanto ser-lhe-ia necessário todo um acervo de experiências, vícios educacionais, emoções, impulsos, e falta na domesticação dos instintos. O exame possivelmente descobriria um caráter neurótico. Quando encontro hipóteses como as de Dollard, fico assim como o gaúcho: **vou de lado**, isto é, vou cuidando-me, examinando o chão em que piso, e anotando muita coisa na realidade: da ocasião e do espaço... custo a concordar.

Mas, para avaliar as forças com as quais a personalidade enfrenta os golpes da frustração, procurando restaurar o seu equilíbrio, (o que é o mesmo que defender a sua estrutura), é preciso antes de tudo firmar o em que consiste a frustração. Não basta dizer que frustração é uma satisfação impedida, porque o impedimento pode aparecer no meio externo, assim como pode surgir no domínio dos impulsos inconscientes, ou parcialmente inconscientes, impulsos que não são uma realidade externa. Esta disposição de categorias esclarece o nosso trabalho, seja êle o da educação, seja o da

terapêutica. Isto pôsto, passemos a referir os aspectos com que se nos depararam essas referidas forças pró-educacionais e pró-curas, durante a nossa atividade clínica, (que começou em 1905, quando terminamos a nossa tese inaugural).

4) Sublimações. Frustrada uma gratificação, pode o mal-estar resultante vir a ser atenuado mediante uma atividade que tenha algum mérito social, uma espécie de alusão aos atos que, pelo sacrifício, tendem a atingir o sagrado. E nem sempre é pura ou superficial alusão... nos segredos da clínica, em face das grandes dores, um ente humano oculta um defeito, pelo qual não é culpado, em incriveis sacrifícios... e ainda assim produz beleza ou generosidade: por ser, contudo, matéria longa, não é cousa cabível aqui. Mas posso dizer que tais tragédias aparecem no amor. Em vês de sublimações, há outras formas de deslocamentos ou substituições, as quais nem são sublimações, nem representam o resultado da repressão, e podem ser o resultado apenas da frustração. A criança, que não realiza facilmente um desejo, e que também não chegou à repressão, tendo serenidade, examinando o ambiente, consultando as suas atrações, pode realizar um deslocamento, contornando obstáculos, e então descobrir uma forma nova de gratificação. Orientada com essa maneira, sua formação ficará talvez livre dos excessos da repressão e da frustração, principalmente havendo compreensão e amor próprio; (na criança, o amor-próprio não é fonte inevitável de egoísmo). Nem toda criança, porém, está em condições de ser estimulada por meio do amor-próprio... Isso nos mostra, na criança, formas espontâneas de educação repousando em bases concretas. Passaremos agora a formas mais complicadas, que precisam de pesquisa e análise.

5) A crença numa exigência ético-social, e como se torna base de esperanças. Quando essas exigências partem do grupo que se bate pelo nosso ideal, não será mui difícil crermos nelas, e entrarmos na batalha. Mas ainda assim a nossa crença, que no princípio era apenas vontade de crer, precisa de um

rigoroso e constante exame dos fatos, que começam a sustentar a **situação social**. Isto é o que se passa em nossa mente de mestres ou de psiquiatras, se estivermos forrados de psicologia social. Não na mente do educando, nem na análise do neurótico atribulado, que bateu à nossa porta sedento de saúde... Portanto se não queremos **banc**ar o psicólogo **arm-chair**, temos que nos sentar, com alunos e clientes, à mesa da realidade, partir, com êles, o pão e a carne, para mastigarmos, com êles também todo êsse material da realidade, sem falarmos em filosofia, sem fantasias de arte, mas assimilando fatos, para compreendermos, com êles, a verdade particular que os envolve. No último artigo, que foi o segundo, apresentamos um caso de preparação do parto natural ou hipo-algésico, cujos aspectos psico-somáticos se reduziam a uma assimilação da realidade, igual à que estou agora apontando, com a finalidade de evidenciar o em que consiste a base concreta, que estamos caracterizando. Nessas observações, a paciente chega à crença firme de que é possível evitar a dor, totalmente ou quase totalmente, mediante determinados exercícios. Há uma série de fatos, uns referidos, outros referidos e comprovados: A) — a relação freqüente de pessoas que foram seriamente feridas, como se dá nos combates a arma branca, e só ao ver o ferimento ficam surpreendidas de nada haver sentido. B) — a história, antes mais freqüente do que hoje, de estarem, empregados ou proprietários, de um moinho hidráulico, durante uma chuva violenta, trabalhando para retirar a correia, e conseguindo-o a muito custo, porém, logo após, procurando vestir o casaco, e não podendo enfiar o braço, descobrem que foi arrancado pela correia. C) — como um dos acensoristas que servem o edifício, onde está o meu consultório, perdeu o braço dessa forma, quebrado por uma correia, e como também êle não sentiu dor, e o fato se deu neste Estado, em Santa Rosa, e ainda como as pacientes podem confirmar o relato feito a elas, resulta fácil completar o processo psíquico da crença. A referência pura e simples não é sempre bastante. Muito útil é uma demonstração adaptada à inteligência da paciente: — nessa explicação, versando o exame daqueles fatos comuns

da vida habitual, costumamos mostrar três elementos verificáveis na sua análise: 1) — a atenção fortemente presa a um interesse vital, como o perigo de não poder retirar a correia; 2) a grande emoção súbita ao sentir a velocidade cada vez maior da correia; 3) — o intenso esforço muscular com a respiração presa... Além disso, durante os exercícios que a paciente faz, é ocasião para fazê-la sentir, na hiperpneia, e no esforço, a diminuição da percepção geral, inclusive da cenestesia. Eis uma ligeira ilustração do método usado por mim; faço-a, aqui, para cumprir a promessa de explicar como a propedêutica psico-somática **quer ser uma base concreta para a educação e para a medicina psico-somática**.

6) A psicogênese da esperança. Outra palavra comprometedora, no senso íntimo, nas atitudes cuidadosamente guardadas, nesta era em que a pressa e a desordem, econômicas e culturais, caem num êrro muito semelhante ao êrro dos antigos naufragos: — famintos no meio do mar, balouçando ao acaso das ondas, nas táboas da barca desgovernada, êles apenas conseguiam ter as visões de comidas, nas alucinações, e, sem dizer palavra, às vèzes mostravam, na fisionomia, a resolução fixa de se devorarem uns aos outros... Mas um naufrago em alto mar é, em geral, uma surpresa difícil de prevenir; enquanto a desordem econômica e cultural progride lentamente, e às claras, na desorganização dos lares, e nos vícios da atmosfera social, a que, em geral, queremos fechar os olhos, justamente por causa da nossa pressa, e porque não queremos examinar, como pais, nem como professores, os recursos que a vida sensata pode mobilizar, a fim de obter crença, esperança, amor. Não queremos, e não querendo, ainda assumimos a expressão de estarmos envergonhados, por pensarmos, — em fugidias fantasias, — como tristes manifestações da demência senil. Êsse é o conceito, e essa a filosofia sonolenta, a roncarem, fartos e satisfeitos, e enchequeirados nos inconscientes, como se fôssems suínos. E' raro, porém mais triste que raro.

Isto pôsto, e voltando ao assunto, podemos dizer que a crença, formadora das raízes da esperança, é simplesmente a crença numa probabilidade: a proba-

bilidade de realizar um desejo ou uma necessidade. Quero ainda lembrar o que já disse antes, a saber: para os escolares, e para a cura dos neuróticos, essa **probabilidade** não se caracteriza como um labor filosófico atual, mas consiste num método de pesquisa científica para aplicação a detalhes técnicos, quer na educação, quer na terapêutica. Somente, os médicos e psiquiatras, na orientação desses trabalhos, podem desenvolver, para si próprios, a especulação filosófica que lhes venha completar a concepção das pesquisas científicas. Não os jovens que precisam duma crença para educar-se, ou para resolver os seus conflitos; e a razão é clara: eles precisam de uma esperança que seja firmada nos fatos **que eles examinam na realidade externa**, ou dentro da sua própria pessoa. Fatos concretos. Fatos repetidos, **examinados nas suas causas e nas suas conseqüências**, e que assim lhes possam levar a dizer: **“o que eu quero, o meu desejo, as minhas aspirações vão realizar-se provavelmente, de acôrdo com aquêles acontecimentos; portanto, posso ter esperança...”**

Para os seus professores, ou para os seus psiquiatras já não bastará; pois que mestre e médicos, (que sabem as relações da educação e das nevroses com a sociedade), já podem sentir a necessidade de esclarecer, na sua própria consciência, as relações dos atos humanos com o bem comum, e com a situação social.

E então surge a estimulante questão da **probabilidade** com a **aprovação**: **PROBARE**, latim, significando aprovar, ou fazer aprovar. Além disso, professores e psiquiatras sabem que não seria proposto exigir, aos alunos ou clientes, um exame da **aprovação**, como uma fase de profundidade, para a concepção de **probabilidade**.

Salvo se o estudante, havendo lido e observado os aspectos da **aprovação**, na situação social, vier, — depois dessa preparação, pedir nosso esclarecimento para um ponto duvidoso. Então sim: ele não perderia o contato objetivo com os fatos, e a elaboração de sua probabilidade, no realizar desejos, não estaria viciada.

Em resumo, portanto, podemos dizer que, percebida a tendência, ou o desejo, o exame das experiências atuais e passadas permitirá que se avalie a realizabilidade dos desejos, e as razões de crer na

sua grande ou leve probabilidade. Mas essa crença não é cientificamente pura: ela **sufre diversas influências variáveis**, durante o exame.

Uma idéia dessa trajetória da crença poderemos ter, examinando uma **definição rigorosa de crença**, a saber: — **é uma proposição que é largamente baseada sobre a vontade de crer, antes da avaliação crítica ou da experimentação científica, que virão depois.**

Combinando essa definição com o que mais acima explicamos, fica bem claro que os pontos principais da trajetória foram: 1 — um desejo; 2 — vontade de descobrir as provas de que é realizável; 3 — crítica dos sucessos que mostraram realizações semelhantes; 4 — exame dos casos em que não se deu a realização do mesmo desejo e avaliação das causas do fracasso. Essa elaboração da crença, segundo se pode verificar analisando as condutas, pode mostrar as seguintes vantagens à personalidade que assim consegue a esperança: A) — alivia-se a tensão do espírito e do corpo; B) — evitam-se as emoções desintegradoras, dado o hábito de dominar impulsos que a personalidade já tenha conseguido; C) — diminuição de pequenas frustrações da ocasião; D) — o prazer de um trabalho bem feito... que levanta o ânimo; o combate à ansiedade sem causa visível, e à ansiedade real, de certos autores, como Janet, Freud, Herney, etc.

O trabalho bem feito, a que acima me refiro, é o simples trabalho de **procurar os fatos**, não o de chegar ou não chegar a ter esperança, e conseguir a cura. A simples ocupação do pensar, sentir e agir, por si sós, descobrindo metas atraentes do passado, já podem encantar o espírito, antes de surgir uma firme esperança. E quando os aspectos antigos, assim revividos, forem, ao contrário, tentativas malogradas, o espírito ainda pode neles achar — agora —, encantos misteriosos. E para isso basta que o ânimo se haja conservado em atitudes ativas, com intenções firmes e renovadas, pois as atitudes remotas e persistentes têm o dom de levantar o otimismo, e reacender a unidade afetiva. Mesmo para a psico-análise ortodoxa, estas últimas afirmações nunca deviam parecer uma fantasia aérea, borboleteante por sobre a realidade: — basta lembrar aqui duas

ordens de pesquisas, que ampararam idéias que deviam ser mais lembradas... Uma delas pertence a Wertheimer, e traz o nome de **pregnance**. A outra vem de Freud, e é o **undoing**. Estas duas ordens de pesquisas, e mais outras que lhes ficam próximas, e conexas, (haja vista a **reação de retirada diante da situação desagradável ou perigosa**), não seriam de elucidação difícil para a psicologia objetiva: — porque a psicologia objetiva pode coordenar os achados até os contatos com os valores animais, (vitais); entretanto, a dificuldade cresce desde logo, se procurarmos a relação com as forças que vieram dos valores da personalidade, (ou REA). Os valores do REA são diretamente subordinados à conduta da personalidade; os do PET, indiretamente, e através das fases fisiológicas, antes de produzirem uma significação espiritual, mediante o sentido reservado ao bem Econômico, (E); ao bem da Técnica ou Teoria, (T); e ao bem do Poderio ou Prestígio, (P). Mas não é fácil manter o **princípio da base concreta**, que é o nosso objeto, para pesquisas como o UNDOING, ou a referida PREGNANCE, ou mesmo a AVOIDANCE REACTION. Essas três formas de atividade esclarecem a estruturação da **crença**, e são coordenadas com as **atitudes ativas**, a que acima nos referimos.

7) **Atitudes ativas, e as reações que elas suscitam na atividade inconsciente.**

Todos os pendores, inclinações, medos, ou a própria esperança podem produzir atitudes, que se manifestam nos atos, nos sentimentos e no pensar. O pensamento que formula uma opinião constitui uma atitude verbalizada; mas a atitude nos atos, principalmente inconscientes, está mais perto do instinto: — é mais concreta. Por aí se percebe que as atitudes da conduta e dos atos **confirmam as opiniões**, por serem mais independentes da palavra, — abrigo da versatilidade, e do não vivido, ou fantástico.

A **reação de evasiva**, (avoidance reaction), é a retirada para evitar uma situação desagradável, que era considerada uma sabedoria do instinto. Depois de Holt, é interpretada como uma resposta condicionada: o reflexo de impressões desagradáveis ou perigosas, fazendo-se re-

pedido, produz a resposta condicionada.

Entretanto, considerando que Leibniz definia o perfeito conhecimento, numa de suas formas, como a arte de lembrar o que se sabe, ficamos a pensar na descoberta de Sauer, quando explicou, pesquisando com mapas de estrêlas, o mistério da migração das aves.

E não seria absurdo admitir uma sabedoria ligada à percepção dos sentidos, livre de metafísica, mas dependendo dos sentidos e estritamente dependente da experiência, como o próprio Maritain admitiria. Mas temos que abandonar essa pesquisa, porque sai para fora dos nossos limites.

A **pregnance** é a tendência de cada forma a tornar-se tanto melhor quanto possível, dentro das condições permitidas pela situação. A melhora corresponde à melhor integração, ou configuração, dentro de situações normais e favoráveis.

O **undoing** é a tendência inconsciente a destruir ou apagar o sinal ou símbolo de experiências desagradáveis. São, portanto, atitudes e tentativas favoráveis à defesa da vida, conservando o que a ela convém, ou destruindo a dor e o desagradável. Nessas condições, não se poderia dizer que militam contra o aperfeiçoamento. Mas a sua eficiência não perde o contato com o princípio do prazer; para Freud — princípio idêntico ao do Nirvana, de Barbara Low.

Para mostrar a direção do caminho concreto, do nosso projeto de PROPEDEUTICA, não vamos fazer como os sociólogos, que elaboram, em massa, longas séries de testes, para determinar a porcentagem das atitudes, versando essas pesquisas problemas sociais, pendores, opiniões flutuantes, através de métodos facilmente viciáveis, até pela vontade de muitos dos membros, dos grupos examinados. A nossa estrada é modesta. A nossa direção é para os lares, na sua organização, e também para a **pressão social**: há muito tempo que passamos por ela, por força da profissão em que nos estamos formando, isto é, estudando e tratando as dificuldades e os conflitos, que trazem sofrimento à família e à sociedade. Já estávamos envolvidos no trabalho, só falta continuar, e planificar o método. Não precisamos repetir que nisso tudo vai grande economia de tempo e dinheiro, e até de atenção para a realidade continua-

da, o que não destoa da velha sentença da *ars longa, vita brevis*.

O que, sim, é preciso é que nesse lar e na sociedade que o sufoca, visitando a operada ainda com certas dificuldades, que ela não sabe de onde vieram, — nós devemos procurar conflitos invisíveis e até negados, tanto nela como em alguns dos seus filhos. Essa é a tarefa diferente, o mister novo, o propósito chocante, a requerer coragem, abnegação, inflexibilidade, sem as quais a futura cátedra de propedêutica só levantaria sorrisos comiserados.

Ora, êsses conflitos, instintivos e inconscientes, deixaram alterações, ou traços nos órgãos do corpo dos pais, e, atualmente, imperceptíveis a médicos e a instituições, ali estão, dissimulados na criança, levantando afetos estrangulados, em frustrações, desgostos e fracassos, ligados a modificações somáticas... estas são depois sintomas somáticos, e não são psicógenas, mas estão ligados àquelas atitudes psíquicas.

Podemos agora ser mais claros. Operada a paciente, visitámo-la a domicílio, e às vezes a recebemos na clínica, conforme as indicações, e os seus problemas e dificuldades. Nem sempre terá havido falta de operação, ao contrário, não raro terá havido operações em demasia, por causa de estados psico-somáticos não diagnosticados. A tarefa ainda parece, a muitos, relativamente fácil: 1) — descobrir as causas e motivos das dificuldades, que existem para a vida da nossa paciente; 2) — descobrir as atitudes e conflitos que se estão formando na vida das crianças, pelos seus hábitos, pendoros, ações, condutas e juízos.

E para logo desaparece aquela ilusão de facilidades; bastará que aspiremos a *nous mettre en devoir* de caracterizar as formas clínicas das organo-neuroses, ou medicina psico-somática que, no caso vertente, nos trarão a chave para resolver as dificuldades e problemas. Porque, na época atual, êsses achados devem vir intactos, isto é, com raízes que afundam na dupla atmosfera do lar e da sociedade. Porque essas origens são, hoje em dia, muito outras e muito diferentes. São abstratas e livrescas no ensino; sendo, na realidade, dramáticas e prodtórias, pela crescente angústia social, esterilizadora de pensamentos, de afetos e de esforços.

E com a angústia diante das perspectivas do trabalho desordenado e da miséria; diante dos ideais políticos tumultuários; diante de guerras em que não haverá vencedores; diante, enfim, do sofrimento e do crime, não há paisagem adequada para a educação.

Os sociólogos costumam definir a **situação social**, e dizem que ela é a realidade estudada pela psicologia social: — e explicam que tal situação, “e a conduta que constitui essa situação não resultam de um acaso, e são os modelos repetidos de presunções e de previsões”.

Mas é interessante notar, nesta altura, que, quando nós, médicos e estudantes, queremos diagnosticar um estado psico-somático, desenvolvemos um programa de técnicas sensivelmente igual. Nós procuramos saber exatamente a idéia que a paciente faz de sua doença; nós queremos descobrir quais as causas que ela **SUSPEITA**, e o que ela pensa, e espera ou **PREVÊ** agora, visto que não ficou curada com os tratamentos feitos. Logo, ela vai responder indicando **presunções e previsões**, (como falam os sociólogos). O fato está indicando a influência da atmosfera familiar, e da social. Por essa razão, o diagnóstico psico-somático tem de ser tentado dentro da atmosfera social e da família, como realidades que influíram nas causas e motivos da enfermidade a caracterizar. E para isso, a melhor das hipóteses seria o caso da paciente que foi operada demasiadamente; a paciente cujo ventre mostra muitas cicatrizes, pois o fato ainda acontece.

8) A paciente que viveu numa redoma de vidro. E' justamente assim que poderia ser chamada tal paciente, cuja vida foi dedicada inutilmente às operações iterativas, transformando desarte o seu ventre em hieroglifos desconcertantes. Podem ser muitas as causas. Mas aqui, em plena terra do gaúcho ladino, idéias acadêmicas, importadas pelo devaneio político, excomungando micróbios e microscópios, puzeram os manguitos de fora: — e deixaram na história uma triste **liberdade de profissão**. Aqui, a causa foi uma brincadeira de estudantes. Passou, ficaram outras causas, mas os hieroglifos diminuíram atualmente, como em todo o mundo.

Diminuíram as causas que vinham da deficiência médica. Persistem ainda, em boa dose, as que nascem da educação das próprias paciente, isto é, dos seus maus hábitos e atitudes, da falta de compreensão, da nevrose, dos estados psicossomáticos.

Para quem de fora observa essa "pobreza mental" com que a paciente forceja para ser operada, sem mostrar lógica na sua decisão, — tal acontecimento é uma aberração. Pensa-se, então, que ela se desviou e que houve incoordenação na sua conduta. É o primeiro resultado de nossa análise. Somente acompanhando a vida dessas criaturas desde os primeiros tempos, e a sua correspondência com o gênero de vida dos pais, e com as atitudes destes na educação dos filhos, — é que poderemos verificar quanto é injusto... (eu ia escrevendo covarde...) a nossa increpação de fingimento, classificando tudo aquilo de artes da **grande simuladora**, como ainda às vezes é **considerada uma histeria**. Ela não vê o vidro transparente, dentro do qual se deixou ficar aprisionada. Os seus distúrbios arrastaram-na para longe da realidade total. Lindos canários engaiolados, com a diferença, apenas, que a gaiola nunca é feita de arame, e sim dos defeitos educacionais.

A paciente entrou para dentro da redoma, porque na vida identificou-se com **modelos errados**, e esses modelos errados significam **educação errada**. **Eis a razão porque a propedêutica psico-simática significa também um processo que mostra um remodelamento nas bases da educação**. Esta observação justifica os nossos propósitos econômicos e pedagógicos.

A vida artificializada, na torre de marfim, na redoma de vidro, constitui uma das formas resultantes da educação imprópria, e brota da falta de maturidade e até de bom-senso na vida dos pais. Às vezes, o que estava aparecendo imaturidade vai desfechar em psicose. Os pais educadores educam, nesse caso, como loucos. Não é de admirar que a filha viva a fazer operações inúteis. Será o resultado de um carinho doentio, carinho apeteido e inveterado, como os vícios, — fumar, beber, jogar, exhibir-se...

Não devemos descrever o que está debaixo de todos os olhos, por não se ter

acabado ainda hoje, mesmo em países de recursos mais bem organizados. English refere uma apendicectomia assim feita numa menina de quinze anos, atormentada pelos ciúmes de um pai super-carinhoso, e pelo dinamismo teatral da mãe, que ralhava espetacularmente com o analista, corrigindo-lhe os diagnósticos e prescrições. O apêndice a custo mostrou tecido conjuntivo aumentado, e crescimento linfóide... e as dores voltaram semanas depois, com descomposturas em sentido contrário. Recorreu-se, então, a uma **trabalhadora social jovem**, de uma agência local, para visitar a casa, e de vez em quando sair com a menina, levando-a em passeios, na esperança de melhoras, pela diminuição da ansiedade. Como resultado, houve sensíveis melhoras, para a menina, mas não para os pais, que não tiveram correção para suas faltas. Com tais fracassos continuados, com aqueles pais insensíveis a toda tentativa de auxílio e sugestões, incapazes de compreender, firmou-se a conclusão de que eram psicóticos latentes. E então English, .. (200), procurou colocar a menina na casa duma tia, que morava noutro Estado, a qual havia mostrado interesse, e parecia ser uma pessoa compreensiva. Mas os pais impediram essa proposta, e finalmente em fevereiro de 1941, "the patient came back to the clinic complaining of pains around the heart". Eram dores que apareciam a qualquer momento, e não guardavam relações com a atividade física. Ela explicou então que havia perdido os estudos do ano anterior, mas desejava recuperá-los. Andava procurando conseguir atestados, com a esperança de repetir os estudos do ano falhado, retomando o trabalho das aulas. Nessa ocasião estava ela acompanhada pela mãe. O médico residente da Clínica fez então um exaustivo exame geral, e, exceto para algumas cáries dentárias, não encontrou nenhuma evidência de moléstia orgânica. Seu diagnóstico foi "môça desiludida e confusa, que se encontra duramente pressionada pela mãe dominadora, e insupportável."

O diagnóstico, nessas condições, não foi um diagnóstico de distúrbio individual; foi o de uma **desorganização social e familiar**. Num grau mais moderado, é a confusão e a desilusão de toda a mocidade, potencialmente falando, na atuali-

dade da sociedade e da família... Conclusão: não é lógico fechar os olhos à palpitante necessidade de uma disciplina como a que estes nossos estudos estão propondo. Porquê? Como?

— Porque somente essa disciplina e esses métodos podem, com relativa facilidade preparar os médicos e assistentes, ou trabalhadores sociais, com o **conhecimento vivido, concreto**, de um mecanismo fundamental: o conhecimento das raivas e medos inconscientes, das ansiedades inconscientes, e capazes de explodir em atitudes e condutas aparentemente aloucas, diante de estímulos insuspeitados. E como? Por via das relações que os atos ou idéias e as emoções adquirem com o metabolismo, com os hormônios, durante o funcionamento dos órgãos. São relações neuro-subtalâmicas com a fisiologia endócrino-vegetativa.

Nessas condições, há toda uma desorganização social, cruzando-se com uma desorganização familiar, ambas oprimindo a vida que se procura desenvolver: mas a deformação trazida, — essa vida de passividade e renúncia, ou de revolta fora de tempo, ainda não é o resultado concreto que é forçoso conhecer: na sua herança, já esconde o indivíduo uma inclinação ou um impulso que pode reforçar aquela passividade ou atenuá-la. Ele pode haver herdado uma propensão para atividades expansivas ou para atividades inibidas. Ele pode ser alegre sanguíneo e rápido; mas pode também ter um tipo oposto, isto é, mostrar atividades lentas, fleugmáticas, deprimidas. Entre os dois aspectos de vidas, fica um tipo intermediário, mais raro, cujo aspecto pareceria mais normal, situando-se entre aqueles dois antagonismos. Como é natural, e fácil de compreender, o tipo que mais facilmente procura entrar para a redoma de vidro tem que ser o tipo **inibido**, ou retraído. Depois o **normal**, e por fim o **expansivo**. É fácil de compreender que o inibido seja inclinado para o repouso da redoma, pela sua dependência, passividade, e inclinações para a angústia. Entretanto, é forçoso lembrar, nesta altura, que o inibido, quanto mais foge da sociedade e da vida, que lhe parecem fundamentalmente hostis, tanto mais aumenta a passividade, a dependência, a amargura, o ressentimento, e a desgraça pessimista. O mundo lhe aparece, dessar-

te, mostrando cores diferentes, formas melancólicas, sonoridades de escárnio, simbolismo e ritmos da destruição. E quando o estudante de propedêutica psicossomática lhe for visitar o lar doméstico, só então, poderá ver concretamente, que todas as causas vieram dos pais, quer sejam herdadas, ou adquiridas. E aquele visitador terá iniciado a base em que repousa a sociologia, a psicologia social, a psiquiatria prática, a criminologia, a pedagogia, a orientação do ensino.

Mesmo quando essas causas não foram elaboradas pelos pais, ainda são eles os responsáveis, porque eles é que são amados pelos seus filhos; desde que abrem os olhos, os filhos vêem e adoram os pais... e se estes fogem, para fugir a esse incômodo, ainda ficam mais responsáveis, pois que oferecem esse espetáculo à sociedade em que vivem...

9) RESUMINDO. O desmoronamento de valores, assim como certa crise de organização social, refletindo-se no equilíbrio construtivo dos lares, requerem uma remodelação na terapêutica e na educação da infância. Essa remodelação significa amparar o processo de formação de crenças, com insistência na procura da verdade, para explicar as causas da dificuldade na educação, o que indica a necessidade de sermos mais concretos, e menos verbais, programa este que torna o ensino mais esclarecido para a criança, quando ela entra na situação de uma atmosfera emotiva, equilibrada e carinhosa.

Esta atmosfera é a condição principal, do ponto de vista do bom êxito na integração da personalidade em evolução.

Entretanto, a atmosfera é condição externa; mais importante é a interna, que tem duas fontes: uma que é o estado emocional, e a outra, que é a correspondência com a maturidade... cuja colocação varia, ao longo da idade cronológica.

Na maturidade, o raciocínio avalla a realização de um desejo. Mas na maturidade incompleta, quando a experiência ainda é deficiente, há menos raciocínio, e mais emoção de expectativa. E com poucos fatos observados, a crença permanece quase igual à vontade de crer, antes da prova. Chegando o domínio da

razão e da experiência, chega a capacidade de perceber o grau de realizabilidade dos desejos: verifica-se, então, que a esperança fundada em provas, aumenta a porcentagem dos bons êxitos, e o espírito atinge a segurança de suportar as frustrações, na medida em que previamente integrou a esperança, em face das possibilidades examinadas.

O resultado é a importância educacional da esperança ativa, que defende o equilíbrio e a interação da pessoa, na luta constante contra as frustrações.

Ora, essa constante frustração atira o educando para a revolta, e a agressividade; e atira o adolescente para a nevrose e os conflitos. Se a esperança é o único meio de anular êsses males, como explicar que não se estude praticamente a esperança?

Resposta: porque a palavra esperança ficou frivolamente desprestigiada, e tal resultado social cresceu paradoxalmente, apesar de ser uma das virtudes teológicas...

O desprestígio, (a ridicularização), da esperança mostra-nos alguns traços de preciosismo romântico. Foi das atitudes românticas e artificiais, ou rebuscadas, que a esperança recebeu as tonalidades pejorativas, que a desprestigiaram, arrancando-lhe a possibilidade de curar e de educar.

Não há muito tempo, estava ainda a esperança dominada pela significação de transporte sentimental. Era um sonhar acordado, ou uma inclinação estética. Acabamos de ver, acima, como a análise clínica restaurou-lhe o verdadeiro sentido prático: **um processo de raciocínio, que mostra até que ponto um desejo é realizável.**

Nada de perfumes românticos, ou fantasias graciosas. Uma avaliação das realidades, para defender prosaicamente a vida... um método de construir uma hipótese escorada em razões.

E uma hipótese assim levantada, e assim destinada a defender a saúde, e a educação, deixa de ser um palpite, um acontecimento ocasional; não se trata mais da indiferença do **quem espera sempre alcança**; nem se pensa mais que ela é o pior dos males; ou uma aduldora mentirosa; ou a bandeira do idiota jovial; ou o recurso do bobo alegre; ou a ciência do banana esperto... dei-

xou de ser a palavra, para ser o fato avaliado.

SUMMARY

In a discussion of significant facts about hope and belief, the author has admitted three forms of mental content, manifested by a desire, when a purposeful striving is initiated as a result, and conformly to the degree of activity:

- 1) (as a fancy); as by saying "be it as it may", or "be that as it will..."
- 2) (as a hopelessness); as by saying "it is irremediable".
- 3) (as a hope); as by saying "in this situation, it is almost impossible that the result can be distinct".

In this third form, when we understand what should be done, in order to solve difficulties, our efforts may be facilitated by moderate actual inhibition, and by past experience and repetition. But increased impulses, and too intense desires, of fears, may influence as a contrary force. In contrast, moral support, as well as so called, (by Janet), *succès de l'acte*, may be favourable.

Unconscious activities, without concomitant awareness, such as ideals, values, from society and from one's home, as well as specific mnemes, are directional forces to be cultivated, both in education and in therapy.

In a following paper, the author shall discuss his experiment about animal behaviour, in order to discover as the equivalent to human hope and belief. These searches may indicate instinctive process that are existent, but hidden, into human activities.

BIBLIOGRAFIA

- Grinker, R. R., and Spiegel, J. P., — Men under Stress.
- Otto Fenichel, M. D., — The Psychoanalytic Theory of Neurosis.
- George Kent, (apud The Catholic World) — Um padre fala à sua Europa do coração.
- Weiss and English, — Psychosomatic Medicine.
- Aldous Huxley, — The doors of perception.
- François Mauriac, — L'éducation des Filles.
- Saint Bernard, — Traité de l'amour de Dieu.